



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

RESUMO

ALVES, Jucimara Braga. O Poeta que Pinta: Um estudo dos tópoi em Manoel de Barros. Dissertação (mestrado). Dr. Devair Antônio Fiorotti (orientador). Universidade Federal de Roraima, Boa Vista-RR, 2012.

Esta proposta de pesquisa é fruto de uma profunda inquietação ao me deparar pela primeira vez com a poesia de Manoel de Barros. Lembro-me desse primeiro contato com sua poesia, quando, em sala de aula, no ano de 2007, participava da sexta edição do Concurso de Redação “Ler é Preciso”, com o tema *O melhor lugar do mundo*. Esse projeto de iniciativa do Instituto Ecofuturo buscava a escrita da redação a partir das leituras dos textos realizadas com os alunos. Na ocasião, o professor recebia um livro com variados textos, científicos, jornalísticos e literários, todos voltados para a temática da sustentabilidade do planeta. Dentre os textos literários, o poema “A menina que ganhou um rio”, de Manoel de Barros, estava lá, “escondidinho”, meio tímido. No entanto, o texto para mim soou forte, pois, até então, não havia pensado e nem lido algo parecido com a ideia simbólica de se ganhar um rio. No primeiro contato com esse poema, percebi de imediato o poeta sensível e genial que havia encontrado.

Manoel Wenceslau Leite de Barros, nascido em 1916, em Cuiabá, na infância viveu embrenhado nas matas do pantanal em Corumbá. Atualmente, apesar de não frequentar mais as terras pantaneira reconhece a presença dessa imagem em sua poesia, conforme dito em entrevista concedida à revista *Leituras* (2007): “Não tenho mais frequentado as terras e as águas do Pantanal. Mas sei que as minhas palavras são nutridas e fertilizadas pelo chão, pelas águas e pela natureza pantaneira” (p.16). Assim, o Pantanal é reinventado; o poeta cria seu próprio Pantanal. É a partir desse universo que Barros iniciou sua didática da invenção; inventou diversos inunensíveis: o abridor de amanhecer, desenvolveu o esticador de horizonte e transformou latas em navios.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Nesse reino poético da imaginação, o poeta se autodefine em sua poesia como um ser “letral”, um ser que pensa por imagens: “Eu sou dois seres./ O primeiro é fruto do amor de João e Alice./ O segundo é letral:/ É fruto de uma natureza que pensa por imagens” (BARROS, 2010, p.437). Nesse mesmo caminho, na apresentação do livro *Manoel de Barros Poesia Completa*, o poeta diz: “Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens” (*idem*, p.7).

A partir desse ser letral, esse ser que pensa por imagens, ele retira do chão matéria para sua poesia, caçando nele o que há de mais ínfimo: as miudezas jogadas fora, os pequenos seres, as coisas mais “desimportantes”, como expressa em seus versos: “O aparelho de ser inútil estava jogado no chão, quase/ coberto de limos – / Entram coaxos por ele dentro” (2010, p.239). Assim escreveu no poema “Matéria de Poesia”: “As coisas que não levam a nada/ têm grande importância/ [...] Tudo aquilo que a nossa/ civilização rejeita, pisa e mijá em cima,/ serve para poesia” (*idem*, p.145-146).

Todo esse mundo poético é criado e recriado por meio da palavra poética. Nesse sentido, consideramos a palavra em estado de invenção e propulsora de uma imaginação em diálogo com o pensamento de Bachelard (2005). Nesta pesquisa, objetivamos explorar o universo da imagem poética de Manoel de Barros, selecionando para isso alguns *tópoi*, como: a imagem do “ínfimo”, a imagem da “loucura” e a imagem “erótica”, com a finalidade de se entender parte da organização imagética da poesia de Manoel de Barros.

Os termos *tópoi* ou *topos* estão no sentido de lugar-comum, ou lugares repetidos na poética barroana. Na atualidade, a ideia da expressão “lugar-comum” ganhou uma designação pejorativa, expressando muitas vezes uma ideia gasta e sem vitalidade, transformando-se em clichês ou estereótipos. No entanto, na antiguidade clássica e até no período da Idade média o sentido de lugar-comum era muito valorizado, pois designava um recurso importante para desenvolver argumentos convincentes, o que facilitaria o entendimento do público. Assim, os *tópoi* imagéticos selecionados nesta pesquisa designam lugares comuns que ganham matizes diferentes.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

No primeiro capítulo desta dissertação, intitulado “Os *tópoi* das grandezas do ínfimo”, enfatizamos a presença dos seres ínfimos na obra barreana, destacando neles as grandezas a partir das associações estabelecidas entre as palavras. Na poesia de Manoel de Barros, os seres jogados fora são valorizados. Nesse sentido, considera-se que os seres ínfimos provocam a contemplação e nos remetem à imaginação criante. As associações estabelecidas pelo poeta Manoel de Barros provoca o olhar do leitor quando se depara com comparações inusitadas para a lógica imperialista da razão e da utilidade consumista-capitalista.

A valorização do ínfimo construído no espaço poético de Barros provoca novos modos de ver e pensar o mundo. Nesse caminho, estabelecemos pontos de diálogos com a estética surrealista de Breton, quando considera a imagem poética da poesia contemporânea defensora de uma liberdade e contrária ao imperialismo da lógica da utilidade. Neste trabalho, analisamos ainda os conceitos de ressonância e repercussão em diálogo com alguns depoimentos de leitores da poesia barreana. Esses diálogos são estabelecidos com a colaboração das análises dos conceitos bachelardiano feitos por Pessanha (1994), Perkoski (2006) e Oliveira (2008). Desse modo, também, dialogamos com a perspectiva de Riffaterre (1989) e, Friedrich (1991) sobre os estudos da “anormalidade” da língua na construção de um mundo surreal e devaneante.

Nesse primeiro capítulo, exploramos a ocorrência e a organização do *topos* “lata”, quando sai da condição de lixo para o nível de grandeza e contemplação nas obras: *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, *Gramática Expositiva do chão*, *Poemas Rupestres*, *O guardador de águas*. E, dessa forma, dialogamos nessa discussão com poetas como: Drummond, Baudelaire e o pintor Marc Chagall.

No segundo capítulo, “Os *tópoi* dos delírios dos tidos por loucos”, selecionamos para o estudo da poética de Barros a imagem do *topos* “loucura”, materializada na figura de João, tido por “concha”, e Bernardo, o idiota de estrada, designados por “bobos”, “bocós”, “tontos”. Neste trabalho, a loucura não significa necessariamente doença mental, apesar de se fazer certa relação. Também a loucura que procuramos não é aquela que move os homens poderosos, heróis e super-



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

heróis. O sentido da loucura que se busca é a loucura dos homens excluídos pela sociedade considerados muitas vezes loucos pelo fato de terem um comportamento diferente do esperado pela sociedade capitalista-consumista, orientada pela lógica da utilidade.

Nesse caminho, Foucault, em *A história da loucura na Idade Clássica*, contribui para a renovação do olhar sobre o louco e a loucura, quando analisa as relações de poder das instituições sobre aqueles tidos por loucos. O filósofo faz críticas aos excessos da ciência que se perde em suas próprias explicações. Esses excessos podem ser analisados em *O Alienista*, de Machado de Assis, na figura do Dr. Simão Bacamarte, metáfora de uma ciência que se acha senhora do saber e da verdade e que se perde nos seus próprios exageros. Esses pensamentos são postos a dialogar com a pintura do holandês renascentista Bosch; assim também, postas a dialogar com a obra de Erasmo de Rotterdam, *O elogio da Loucura*, quando personifica a loucura em forma de uma mulher que discursa em nome próprio. Nesse sentido, Manoel de Barros, em diálogo com esses filósofos, escritores e o pintor renascentista, traz o louco para sua obra, apresentando um olhar renovado sobre esses seres tão marginalizados ao longo da história.

Para isso, o poeta Barros apresenta seus anti-heróis e retira deles a liberdade de suas vidas para associar com a liberdade da palavra poética. Nesse sentido, os anti-heróis barreanos dialogam com personagens ontológicos, como: Dom Quixote e Sancho Pança, como também o personagem Carlitos, de Charlie Chaplin, Estamira e Bispo do Rosário. Dessa forma, esses seres podem simbolizar a liberdade associada à “loucura” da palavra poética analisada na poesia barreana. Já na última parte desse capítulo, relacionamos o poeta à criança e ao louco como seres que se complementam. O poeta quando comparado à criança e ao louco, considera a palavra em estado de invenção criativa e lúdica, assim também, em estado de demência e delírio. De maneira análoga, o artista plástico Arthur Bispo do Rosário seria considerado louco pelo fato de se preparar para o dia do juízo final. Para isso, retira do chão objetos jogados fora e monta um coisário poético na criação de um mundo de imaginação análogo ao mundo de Manoel de Barros. Para o estudo desse segundo capítulo, destacamos as seguintes obras: *Matéria de Poesia*,



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

O guardador de Águas, O livro das Ignorâncias, Ensaios Fotográficos. Tais obras foram selecionadas pelo fato da recorrência dos personagens João e Bernardo em relação ao *topos* “loucura”.

Já no terceiro capítulo, “Os *tópoi* eróticos: O cio das palavras”. Consideramos a palavra erótica como representação de uma sexualidade transfigurada para a linguagem do prazer. Nesse sentido, a imagem erótica seria descrita de maneira mais “revalorizada em função de uma ideia de amor ou da vida social” (ALEXANDRIAN, 1993, p.8). Nesse caminho, o conceito de erotismo seria contrário ao conceito de pornografia, diz Paes (2006) que seria uma descrição pura do prazer carnal visando unicamente efeitos de excitação sexual, preocupados apenas em atender um comercialismo rasteiro. Logo, o conceito de erotismo adotada nesta pesquisa está relacionado com a poesia numa relação de complementação, a partir da linguagem que permitiria a sugestão das ideias corpóreas e sensações (PAZ, 1994, p.12).

Assim, analisamos a imagem da natureza erótica na palavra poética barreana. Nesse momento, selecionamos as obras: *Poesias, O guardador de águas, Poemas concebidos sem pecado, Matéria de Poesia, Poemas Rupestres.* Dentre essas obras, a obra “Poesias” se destaca e dialoga com as outras obras. Nesse sentido, a imagem do Pantanal seria construída a partir da volúpia e da luxúria da palavra. Para isso, analisamos a imagem do Pantanal comparada à cidade bíblica de Sodoma. Assim, também, podemos associar a natureza erótica com as partes sensuais do corpo feminino. Nesse caminho, tal ideia será posta a dialogar com a imagem sensual da deusa grega Afrodite, deusa da beleza e da fertilidade. Ainda, destacamos a imagem da musa como uma imagem que se apresenta renovada e irônica. Desse modo, tal renovação possibilitaria uma proposta de reflexão no próprio fazer poético barreano.

Assim, da mesma maneira, a palavra se tornaria erótica pela sugestão do encontro amoroso entre os amantes apaixonados. Dessa forma, a poesia de Barros é posta a dialogar como o livro bíblico “Cântico dos Cânticos”. Nesse caso, a palavra poética materializada na voz do eu lírico feminino, torna a palavra poética erotizada. Nesse caminho de estudo, a erotização da



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

natureza destaca-se também pelas metamorfoses que sofreriam os seres poéticos barreano. Eles se transfigurariam em outros seres, ganhando cores e formas diferentes. Nesse sentido, a poesia barreana é posta a dialogar com a *Metamorfose*, de Ovídio, e com a obra *O Sexo Vegetal*, de Medeiros.

Nesse caminho de pensamento, consideramos a poesia barreana com muitas possibilidades de manifestação do erotismo, sugeridas pelas brincadeiras das crianças, bem como nas conversas despreziosas e banais. Nessa mesma discussão, trazemos o teórico Barthes em o *Prazer do Texto* (1987), analisando os conceitos de fruição/gozo/prazer associados à poesia barreana, quando o poeta desestabiliza e renova os sentidos das palavras. Nesse sentido, selecionamos a imagem da “maçã” associada ao fruto proibido, mas ao mesmo tempo representando o sabor e o desejo, sentimentos e sensações que podem estar associados à escrita poética de Barros. Nesse caminho, também analisamos o *topos* “lesma” como representação do ato da erotização da escrita poética em Manoel de Barros, como ainda sugestão do órgão sexual feminino, símbolo de desejo.